

## TEORIA DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA DE SARTRE

José Alan da Silva Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresentará uma compreensão da teoria do conhecimento, que se encontra no pensamento de Sartre desde a sua produção literária, corporificada no romance *A Náusea*, até sua produção filosófica, especificamente, o ensaio de filosofia *A Transcendência do Ego*. Pretende-se então dar conta da possibilidade do conhecimento humano a partir de um diálogo entre a literatura e a filosofia deste pensador contemporâneo, estabelecendo uma ponte com Husserl e Kant.

**Palavras chaves:** Teoria do conhecimento, Filosofia, Sartre.

**Abstract** This article will present an understanding of the theory of knowledge, which is in the thought of Sartre from his literary production, embodied in the novel *Nausea*, until his philosophical production, specifically the philosophy paper *The Transcendence of the Ego*. Aim is then to account for the possibility of human knowledge from a dialogue between literature and philosophy of this contemporary thinker, bridging with Husserl and Kant.

**Key Words:** Epistemology, philosophy, Sartre.

---

<sup>1</sup> Mestre em filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Atualmente é coordenador do curso de filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA. Pesquisa a filosofia sartriana, bem como a produção da filosofia francesa contemporânea e fenomenologia.

## Introdução

É costume pensar em Sartre como um filósofo destacado, não apenas em filosofia, mas, em muitas áreas do conhecimento humano. Mas, é costume também, restringir seu pensamento somente ao âmbito da fenomenologia, da ontologia e, quase sempre, à filosofia política e ao marxismo, devido ao seu forte engajamento e ao que o próprio filósofo chama de “seu descobrimento da história” e sua participação política na luta em favor dos oprimidos. Este artigo pretende debruçar-se sobre um Sartre pouco visto, estudado ou mostrado: um Sartre da Teoria do Conhecimento.

Pensar em teoria do conhecimento é ao mesmo tempo, colocar como foco gravitacional a questão sobre a possibilidade do conhecimento humano. Se voltarmos nossa atenção para esta pergunta basilar, teremos o princípio e os fundamentos para procedermos a investigação que se seguirá. Ao estabelecê-la como tal e aplicá-la a este filósofo, temos a fórmula ou a questão orientadora, que pode ser definida dessa forma: de que forma é apresentada o modo como o homem conhece a partir da fenomenologia ontológica sartriana, ou tão somente, da fenomenologia sartriana?

É próprio, na teoria do conhecimento, a discussão sobre o sujeito e o objeto e a relação que liga ambos, bem como sobre seus possíveis desdobramentos, pensados a partir dessa relação. Essa temática específica acabou por fornecer a inspiração e o material suficientes, pois, em Sartre, vemos logo de início a relação entre as coisas, ou objeto – representado pelo ser-em-si – e o existente, o sujeito – representado pelo ser-para-si. Com isso, encontramos em seu primeiríssimo ensaio de filosofia, que não é *O ser e o Nada*, como comumente se pensa, mas, um opúsculo intitulado *A Transcendência do Ego*<sup>2</sup>, a principal fonte de inspiração para escrevermos sobre a possibilidade de uma teoria do conhecimento em Sartre.

Outra obra auxiliar para compreensão da teoria do conhecimento ou da relação entre um sujeito e as coisas é o romance *A Náusea*, onde Sartre, a partir da descrição fenomenológica de personagens literários, aborda como a realidade da relação sujeito-objeto, se efetiva na existência concretamente. A náusea haverá de ilustrar ou corporificar a experiência do existente humano a partir de uma dialética relação entre consciência e mundo, ou em outros termos, sujeito e objeto.

---

<sup>2</sup> Antes de escrever o *Ser e o Nada*, Sartre havia escrito uma espécie de artigo, quando estudou em Berlim nos arquivos Husserl, para desenvolver uma pesquisa sobre fenomenologia. Assim surge *A transcendência do Ego*, escrito esse que serviu de modelo para o que viria a ser sua obra mais importante em filosofia, *O Ser e o Nada*. *A transcendência do ego* foi publicada com tradução para o português em 2013 pela editora Vozes.

Uma preocupação de qualquer filósofo é contribuir com a construção do conceito de verdade, então: o que é a verdade? Essa pergunta é a primeira da filosofia e, ao mesmo tempo, suporte da teoria do conhecimento. Por isso os filósofos empreendem a utilização de um método racional que lhe distingue dos demais métodos de conhecimento – por um lado –, ou um método empírico – por outro –, muito embora, alguns elementos metodológicos comuns, em sua essência, estejam presentes em cada pensador. Essa dicotomia, que podemos chamar aqui de método racionalista e método empirista, é bem-vinda nas teorias do conhecimento, pois faz enxergar que, a grande luta e o embate existente entre os sistemas filosóficos, como o “monismo espiritualista e o monismo materialista”, como bem referencia Luijpen no livro *Introdução à Fenomenologia existencial*, e que aponta para o já clássico problema do conhecimento, é aquele que se percebe “quando fixamos o olhar sobre a relação sujeito e objeto” (HESSEN, 2003, p. 27).

Para dar conta do que este artigo propõe, o texto será dividido em três capítulos. No primeiro, pretende-se explanar a situação do conhecimento, a partir da análise de dois conceitos fundamentais da filosofia sartriana, que são: *A Náusea*, como protótipo da relação mestra entre sujeito e objeto, ou entre o existente e o mundo; e a transcendência do ego, onde há de se explorar por que razão “toda consciência é consciência de... alguma coisa”.

O segundo capítulo explicitará detalhadamente o caminho proposto no romance *A Náusea* e alguns elementos hermenêuticos, que garantirão uma interpretação focada na questão do conhecimento, a partir da relação sujeito-objeto, ou subjetividade-facticidade.

Por fim, uma breve retomada de alguns conceitos fundamentais nas teorias do conhecimento de Kant e Husserl será realizada para explicitar uma crítica que Sartre estabelece ao combater as teses da presença formal do Eu na consciência.

## **1 Elementos introdutórios à teoria do conhecimento de Sartre: a náusea e a relação sujeito/consciência com as coisas/objetos**

Ao ler o primeiro romance publicado de Sartre, nos deparamos com um sentimento de nulidade e frustração colocados pelo próprio autor como provenientes da impossibilidade de conhecer o fenômeno, o objeto, ou tudo aquilo que se manifesta à consciência com o maior nível de objetividade ou de certeza possíveis, ou seja, de conhecer o mundo do jeito que ele é. Ao apresentar esse tipo de desconforto existencial, jogando-o sobre as costas do personagem central, Antoine de Roquentin, Sartre inicia uma espécie de teoria do conhecimento

existencial, por meio da qual percebemos que, “toda consciência é consciência de alguma coisa”, como bem ensina Husserl, pai da fenomenologia contemporânea.

Afirmar que toda consciência é consciência de alguma coisa, é mostrar claramente a relação teórica do conhecimento entre o sujeito cognoscente e o fenômeno. Porém, ao elevar essa sentença ao nível da náusea, Sartre nos mostra como a dialetização entre essas duas categorias da filosofia são necessárias e imprescindíveis. Perguntar-se pela náusea é perguntar-se por um horizonte de sentidos que só nos chega mediante o conhecimento que estabelecemos com as coisas que estão mais próximas de nós. Isto é, a pergunta pelo desconhecido, pelo puramente metafísico perde o seu sentido, pois, as coisas são para uma consciência, e a consciência não dá conta do mundo inteiro, do real em sua integralidade, mas do real particular, vivido, em primeira instância, e das outras questões *a posteriori*.

Chegam até nós notícias muito abstratas sobre o que é Deus, o que é o real, o que é o mundo como categorias absolutas, mas, o que se pode apreender de modo mais específico é aquilo que se manifesta à nossa consciência<sup>3</sup>, o significado ou significação mais próxima de nós, portanto, o primeiro desconforto existencialmente sentido, é também um desconforto de conhecimento, isto é, que tem a ver com nossa relação de conhecimento das coisas, pois, como afirma Hessen, “conhecimento quer dizer uma relação entre sujeito e objeto”, (HESSEN, 2003, p. 69), o que nos leva a questionar se a filosofia de Sartre apresentada até *OSer e o Nada*, não parece ser uma apresentação e representação dessa relação entre sujeito e objeto.

A princípio, admitamos que sim e passemos a analisar essa relação entre sujeito-objeto, subjetividade e conhecimento a partir da náusea. Se antes de chegar à análise mesma do problema do conhecimento presente na *Náusea* e na *Transcendência do Ego* nos detivermos numa abordagem das linhas gerais dessa problemática, na primeira fase da filosofia sartriana, algumas questões poderão esclarecer-se.

No entanto, um dos objetivos deste artigo é apresentar a náusea como um dos conceitos fundamentais do existencialismo sartriano, concedendo, desse modo, um lugar de privilégio a este termo, como eixo embrionário das principais questões suscitadas pelo existencialismo de 1932 – ano da publicação do romance *A Náusea* – até 1945, dois anos após

---

<sup>3</sup> Veja-se a esse respeito Kierkegaard que, ao elevar o indivíduo à categoria central do pensamento filosófico estabelece que, “a verdade está na subjetividade e a subjetividade é a verdade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 14s), pois, “a própria verdade [...] torna-se sinônimo de subjetividade, o que quer dizer que a verdade deve significar um compromisso pessoal do indivíduo” (GILES, 1989, p. 7).

a publicação de *O Ser e o Nada*, considerada até hoje como obra máxima da filosofia de Sartre.

A estrutura da filosofia sartriana já pode ser percebida como uma espécie de sumário de complexo temático a partir da leitura atenta do romance *A Náusea*, por motivos que se verão ao longo do presente texto. A tão conhecida divisão ontológica, que cindiu a realidade entre dois seres, sendo o em-si, ou mundo concreto e das coisas, e o Para-si, a consciência intencional do ser humano, que perpassa todo o modelo do existencialismo traçado por Sartre em *O Ser e o Nada*, já aparece no romance supracitado a partir da relação de Antoine de Roquentin, que simboliza a consciência intencional, com o mundo concreto, que é de fato o ser em si e a facticidade.

A estrutura do mundo, a significação, a transcendência rumo às coisas, tudo isso, que a náusea apresenta, compõem o que se conhece por fenomenologia ontológica. Portanto, a dualidade necessária como relação de transcendência já está presente no desenho traçado por Sartre neste romance. Por essas razões se quer ampliar o debate em torno da náusea para saber: até que ponto a fenomenologia ontológica sartriana pode fazer chegar uma compreensão sobre a teoria do conhecimento na relação humana estabelecida com as coisas?

Ao rever os conceitos fundamentais do existencialismo, sobretudo o programa construído por Sartre, o leitor pode se deparar com uma composição bem simples, mas que ao desdobrar-se oferece um conjunto complexo para uma possível definição. Como se sabe, o projeto da primeira filosofia de Sartre é colocar o homem como centro e foco de discussão, mas não somente isso. A principal motivação deste filósofo era a de devolver ao homem o seu papel e sua responsabilidade a partir do exercício incondicional de sua liberdade. A pergunta que surge é: qual a relação da náusea com o conhecimento a partir da liberdade? Pois, ser livre é saber-se livre, é conhecer essa liberdade. E não espantar-se-á o leitor ao perceber que a náusea é a própria liberdade em ação, ou mesmo, os efeitos que a responsabilidade por derivação causa sobre o universo de valores, da consciência e da ação que o ser humano deve exercer, desde que ele a conheça, a pense.

No próximo capítulo apresentaremos o programa detalhado da questão da náusea e uma interpretação desse conceito enquanto possibilidade do conhecimento e linguagem significativa, na relação entre o ser e o nada.

## 2. O ser e o nada: o embate da consciência com o mundo e a sensação de náusea

O que é a náusea? É a sensação de alheamento, de perda, de vazio do sentido da existência. Por outro lado, é um convite a um trabalho fenomenológico de significações. Estar suspenso na náusea é sentir-se perdido, primeiro, por que ela é falta a ser, ou seja, incapacidade de realização da concretização da humanidade do ser. Isto é, a sensação constrangedora, nebulosa, que se finca no coração do homem, reconhecendo ele ou não, sua incapacidade para ser alguma coisa de concreta como por exemplo, um livro, uma pedra, uma caixa de madeira. No homem nada está acabado.

Contudo, o que isso tem a ver com a teoria do conhecimento? Se por um lado a náusea é sensação de estranhamento, estrangeirismo, essas sensações se dão também porque ela funciona como linguagem significativa e como consciência posicional do mundo. Em outras palavras, cabe ao homem a decifração do significado que todos os acontecimentos interconectados carregam em si mesmos. Encontramos a teoria do conhecimento exatamente aqui: o mundo que não sou eu, que não é a consciência, existe e, eu posso conhecê-lo. Porém, de que modo eu conheço...?

Cabe ressaltar que, em outra obra, chamada *A Imaginação*, Sartre aborda a relação ser-em-si, coisa, com uma consciência, na forma de imaginação. Percebe-se também que a mesma relação da consciência – ser do homem – com as coisas – objetos, que aqui se dão filosoficamente, são registrados tal como acontecem na vida, através do romance.

A posse do mundo nos escapa: é uma tentativa vã, portanto, absurda. Essa absurdidade é relatada como um modo de sentir na carne, isto é, esteticamente, em forma de sensação, a relação da subjetividade com o mundo. Essa impressão é apresentada por Sartre como a náusea, e constituirá, precipuamente, sua concepção antropológica, que nos mostra como o homem é projeto e, como tal, convidado a significar o mundo onde se encontra.

Esta ideia, ou este conceito de náusea, é trabalhado aqui com um sentido estritamente filosófico, trazendo para esta discussão, os fundamentos da individualidade, e os princípios constitutivos dessa realidade para a ontologia fenomenológica sartriana. Juntamente com a náusea, figura, correlatamente, o conceito de absurdidade. Com a náusea Sartre quer apresentar um tipo de mal-estar pertinente ao homem enquanto existência, frente à significação do mundo, pois, “a doutrina tradicional era a de que a existência das coisas não constituía *parte* de sua essência, e este é o pensamento que Sartre quer expressar, à sua

maneira, através do mal-estar de Roquentin e, mais tarde, diretamente em sua própria filosofia” (DANTO, 1975, p. 16s., grifo do autor).

O personagem principal Antoine Roquentin, depara-se com o absurdo da existência – em seu sentido externo e fatídico – e frente ao desafio de existir – enquanto consciência e individualidade. Diante da relação consciência-mundo, a náusea acossa o existente e, este ser-tomado-pela-náusea pode constituir-se como momento hermenêutico imprescindível da construção do existente no seio do mundo, no qual se encontra sozinho – em se tratando de sua liberdade<sup>4</sup> - e imerso no desespero advindo de sua responsabilidade singular, de sua relação com as coisas, do olhar do outro e das diversas relações humanas.

A náusea é a experiência instauradora da individualidade como existência, visto que toda consciência é consciência de alguma coisa e esta doença do homem moderno, utilizando a expressão de Mounier, é tomada de consciência do mundo, da existência e do existir: é consciência posicional. Como tal, o homem, solidão absoluta, não pode escapar da náusea; ela é condição a ser sofrida, e que aponta para a gravidade e absurdidade da vida e das relações que somos chamados a estabelecer enquanto subjetividades com outras subjetividades e com o mundo concreto. Mas, de que absurdidade de vida estamos falando? Não se trata apenas do absurdo do existir coletivo, mas, enfaticamente do absurdo, da gravidade e do sentido da nossa própria vida, *no sentido mais individual do termo*.

Sartre, falando sobre a náusea no *Diário de uma Guerra Estranha*, afirma que, uma vida jamais pode ser perdida, que “a vida é apática e pastosa, injustificável e contingente” sabendo que “tudo pode me acontecer, mas é a mim que acontecerá; todo acontecimento é o meu acontecimento” (SARTRE, 2005, p. 290). Isso nos mostra bem a delimitação que Sartre faz de sua compreensão do indivíduo e também do conhecimento. Cada pessoa conhece de uma forma, de uma maneira completamente diversa, mesmo que os mecanismos biológicos possam ser explicados como parte de um mesmo sistema. Como experiência instauradora, utilizando um termo de Bornheim<sup>5</sup>, o indivíduo continua sendo essa partícula dividida de todas as outras, única e original, que não se repete. Isto é, a experiência da náusea é um

---

<sup>4</sup> O homem é lançado no mundo, está sozinho, desamparado. Só tem a si mesmo para decidir e não conta com nenhuma força sobrenatural ou divina, para tomar suas próprias decisões. Sartre justifica epistemologicamente seu ateísmo ao romper com a tradição filosófica que sempre colocou a essência como o momento privilegiado do existir, lhe sendo anterior. Sartre, influenciado por Heidegger, muda a sentença exprimindo que a existência é que precede a essência, e não o contrário. Afirmar as coisas desse modo justifica o seu ateísmo e lança bases para um modo de pensar o existente com uma carga de originalidade que só é conhecida no existencialismo.

<sup>5</sup> Ver o 1º capítulo do livro: Sartre: metafísica e existencialismo, de GerdBornheim.

acontecimento único <sup>6</sup>, porque sendo próprio a cada ser humano, ela se dá de modo diferente para cada sujeito, mas que, no entanto, não deixa de acontecer, pois, é ela, a náusea, o momento primeiro por meio do qual podemos perceber o modo como a existência acolhe a si mesma como experiência de existir e qual sentido tem esse existir, enquanto significação dada.

Se todo acontecimento é *meu* acontecimento, significa que esta existência é *minha* e é singular. Que esta existência, o modo como a vivemos, o modo como lhe damos significado ou lhe interpretamos, é só nossa e não acontece duas vezes do mesmo modo. A vida torna-se, assim, injustificável diante de sua facticidade, cabendo ao indivíduo a decifração do sentido que a vida deva ter para ele mesmo. É a partir dessas considerações da náusea, que o próprio Sartre, um pouco adiante no mesmo diário chega à conclusão de que, pela náusea, que é o momento em que me reconheço em um mundo pelo qual sou responsável, percebo que este “mundo está presente em minha vida, a todo instante, em sua totalidade” (SARTRE, 2005, p. 312) e que eu, como individualidade existente, sou responsável por mim e por este mundo: “somos totalmente responsáveis por nossa vida” (idem), e ainda: “não temos desculpa, porque nada pode nos atingir que não seja assumido por nossas próprias possibilidades” (ibidem).

É esse sentimento de responsabilidade que também nos causa náusea. De repente recebemos um “convite”, feito por nós mesmos, para tentarmos captar nossa existência em um mundo feito de possibilidades, que de início nos sugere uma infinidade de modos pelos quais podemos nos fazer e ser. Nesse sentido, existe uma série de manifestações da náusea, que Sartre chamaria de inesgotabilidade e que manifesta a essência enquanto “radicalmente apartada da aparência individual que a manifesta porque, por princípio, a essência é o que deve poder ser manifestado por uma série de manifestações individuais” (SARTRE, 1997, p. 18).

Na introdução ao *Ser e o Nada*, ao tratar do dualismo finito e infinito, Sartre expressa o seguinte:

Conseguimos suprimir todos os dualismos ao reduzir o existente às suas manifestações? Parece mais que os convertemos em novo dualismo: o do finito e infinito. O existente, com efeito, não pode se reduzir a uma série finita de manifestações, porque cada uma delas é uma relação com um sujeito em perpétua mudança. Mesmo que um objeto se revelasse através de uma só

---

<sup>6</sup> Único aqui, no sentido daquele que experimenta. Como algo vivido. Evidentemente, a náusea não é única no sentido de um acontecimento, de uma experiência que não se repete na vida do indivíduo que existe e a sofre. A náusea é um processo intermitente e recorrente na vida do ser humano.



“abschattung”, somente o fato de tratar-se aqui de um sujeito implica a possibilidade de multiplicar os pontos de vista sobre esta “abschattung”<sup>7</sup>.

Embora nesta passagem precisamente, Sartre não esteja tratando da náusea, o que nos interessa é perceber que o existente está como que submetido a uma série infinita de aparições que comporão aquilo que ele é enquanto fenômeno, enquanto aquilo que se manifesta. Mas, é mais interessante notarmos que se o indivíduo manifesta-se em uma série infinita de aparições, poderíamos considerar aqui, que haverá uma série infinita de náuseas, de possibilidades de conhecimento, como momentos de construção da individualidade e da figura do real.

Podemos identificar também que a náusea é o momento privilegiado em que somos submetidos a uma experiência desagregadora e profunda e pela qual descobrimos a contingência como atributo ontológico da existência, isto é, atributo constitutivo do que somos. E que essa contingência, e toda carga de insegurança que ela nos traz, nos põe nessa sensação nauseante da falta de sentido das coisas e do mundo, e da nossa própria realidade. E, como atributo ontológico da existência, Sartre coloca em *Ser e o Nada* que a náusea é uma forma imediata de acesso ao ser, “o ser nos será revelado por algum meio de acesso imediato, o tédio, a náusea” (SARTRE, 1997, p. 19), acesso ao ser que somos como existência, isto é, ao ser da nossa consciência, como fenômeno que pode ser descrito, porque conhecido.

Frente ao desafio de existir, frente a esse momento de confronto com nossa ambiguidade e contingência, o indivíduo – representado aqui por Roquentin, mas que somos todos nós existentes – questiona a validade de sua própria existência; mas também questiona a sua relação particular com o “em-torno”, com tudo aquilo que está a sua volta: qual a relação do indivíduo com o mundo e com os outros, e como ele sente os impactos dessa convivência que parece ser absurda? Esta é a discussão que figura este pequeno-grande romance sartriano e que, concede os fundamentos de sua filosofia desenvolvida em *O ser e o nada*.

Já neste romance, Sartre está rompendo com a compreensão cartesiana do sujeito como substância, como uma substância pensante, como *cogito* reflexivo. É tão verdade em sua filosofia que o homem não existe pelo fato de pensar, (como no caso de Descartes) que, em uma parte do romance, Sartre escreve: “se pelo menos soubesse do que tive medo, já teria dado um grande passo” (SARTRE, 1996, p. 14). O medo foi vivido, experimentado. Surgiu como composição da existência de um determinado indivíduo em determinadas

---

<sup>7</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigo. 14ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 17.

condições e situações. Este questionamento interior é a certeza de que o indivíduo não existe como substância reflexiva, que saberia de si mesma em toda sua extensão, vivência e atos. Só se reflete sobre a necessidade de saber o que é o medo, como experiência existencial, porque sua vivência não é tética, nem reflexiva. Vivemos. Existimos. Nós vamos ao encontro da construção, à medida que nos fazemos, mas só depois, podemos dar um significado existencial para as nossas vivências, ou estabelecer um conhecimento concreto desses ou outros fatos. Isto é, uma dimensão reflexiva. Por essa razão, o homem não pode ser justificado pela substância pensante, como queriam os modernos. Surge aqui a ruptura de Sartre com Descartes e toda uma geração de filósofos modernos elencados na conferência *O existencialismo é um humanismo*, tais como Voltaire, Kant, etc.

Um exemplo de experiência não-tética é demonstrada por Sartre quando ele escreve:

Acho que fui eu que mudei: é a solução mais simples. A mais desagradável também. Mas enfim tenho que reconhecer que sou sujeito a essas transformações súbitas. O que acontece é que penso muito raramente; então, uma infinidade de pequenas metamorfoses se acumulam em mim, sem que eu me dê conta, e aí, um belo dia, ocorre uma verdadeira revolução<sup>8</sup>.

Este pequeno trecho do romance *A Náusea*, coloca como um processo revolucionário, a árdua tarefa do homem de construir-se a si mesmo. Para tanto, nem todas as suas ações são feitas no âmbito do refletido, do pensado, mas, em determinado momento, por causa de cada escolha feita, cada decisão tomada, o fluxo dessas decisões, atingirá em cheio a existência do indivíduo, apoderando-se dele e cobrando o sentido de tudo. Desse modo, a experiência da náusea toma forma e desoculta a verdadeira face da angústia que manifesta a responsabilidade justificando e conferindo autenticidade à liberdade do indivíduo.

A náusea poderia ser comparada a um momento de tédio – cujo suporte é garantido pela angústia – que, em sua dinamicidade lança o homem diante do sentido que as coisas deveriam ter para si, por exemplo: “eu sempre desejava ir a Bengala, e ele insistia para que eu fosse com ele. Atualmente me pergunto por quê” (SARTRE, 1996, p. 18-19). Essa relação de “cobrança” interior pode ser melhor explicitada se recorremos a dialética na qual Sartre esclarece que, uma pessoa não pode ser um ser-em-si, mas um ser-para-si, consciência aberta e não-posicional de si, afinal, o homem não é o que é, e é aquilo que não é.

---

<sup>8</sup> SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: RECORD/ATALAYA, 1996. p. 18.

Quer dizer, ao questionar-se sobre o medo que sente, mas que não compreende, Roquentin representa aquilo que qualquer indivíduo é: instabilidade, possibilidade, cogitopré-reflexivo e subjetividade. Questionar-se sobre o medo, aponta para a busca de sentido, para o valor da existência bruta, quer seja a minha, quer seja a das outras coisas e para o valor e o significado que as coisas e a realidade exercem sobre o indivíduo. A realidade está mudando, ou é o indivíduo que muda? Dessas considerações surge um problema indispensável de nossa análise da existência como individualidade e conhecimento: quem está mudando: as coisas ou eu? E, que importância tem as coisas que faço? Em que essa construção, enquanto decisão recorrente, me afeta?

Vejamos que, a náusea é um momento do existir em que tomamos consciência de nossa existência e vislumbramos assustados toda carga de responsabilidade e liberdade que advém desse estar consciente de si. Sobretudo, porque, como mostra Sartre, “não há nada, nada, nenhuma razão para existir” (SARTRE, 2006, p. 167). E mais a frente “a vida tem sentido, se quisermos lhe dar um” (Id. p. 168).

Em um determinado momento do romance a náusea, Roquentin é açoitado pela experiência da náusea, agora reconhecendo o que ela é de fato:

Então é isso a náusea: essa evidência ofuscante? Como quebrei a cabeça! Como escrevi a respeito dela! Agora sei: Existo – o mundo existe – e sei que o mundo existe. Isso é tudo. Mas tanto faz para mim. É estranho que tudo me seja indiferente: isso me assusta. Foi a partir do famigerado dia em que quis fazer ricocheteios. Ia atirar o seixo, olhei para ele, foi então que tudo começou: senti que ele existia. E a seguir, depois disso, houve outras Náuseas, de quando em quando os objetos se põem a existir em nossa mão. Houve a Náusea do Rendez-vous des Cheminots e depois uma outra, antes, uma noite em que olhava pela janela; e depois mais outra no jardim público, um domingo, e depois outras. Mas nunca tinha sido tão forte como hoje <sup>9</sup>.

Estamos no limiar da tomada de consciência ou no limiar do reconhecimento da existência. É tão importante analisarmos esta questão, pelo simples motivo de que, para elaborar sua ontologia fenomenológica, Sartre precisou assentar sobre bases bem precisas os fundamentos de sua filosofia. Do mesmo modo que Descartes, nosso filósofo Sartre colocará a base da verdade na subjetividade, representada aqui pelo cogito. Entretanto, essa experiência da subjetividade enquanto verdade, só pode ser alcançada pela experiência da náusea. Não que a náusea seja a subjetividade, pois ela não é mesmo, porém, a náusea é a estrutura que permite à subjetividade reconhecer-se como tal, isto é, saber-se como consciência, pois, “a

---

<sup>9</sup> SARTRE, 1996, p. 182.

náusea é uma ininterrupta reflexão sobre as relações e, fundamentalmente, as discrepâncias entre o mundo e as nossas maneiras de representá-lo” (DANTO, 1975, p. 11), o que nos remete a importante questão fenomenológica de que toda consciência é consciência de alguma coisa. A esse respeito escreve Danto:

Eu era a raiz da castanheira”, grita Roquentin, a certa altura, no vernáculo empático do místico, mas imediatamente reformula-o, “ou melhor, eu estava inteiramente consciente de sua existência. embora separado dela – já que estava consciente dela – e no entanto perdido nela, nada além dela (DANTO, 1975, p. 26).

Por essa razão, reconhecemos que o romance *A Náusea* é sim, antes de mais nada, um protótipo de livro de fenomenologia, enquanto descrição de vários fenômenos por uma consciência que é consciência de alguma coisa; de alguma coisa que não é ela, e que a faz reconhecer-se para logo desconhecer-se em um movimento de intencionalidade e possibilidade do conhecimento. Portanto, a náusea é primeiramente isso, acesso à subjetividade, não é ela, mas a ela nos recomenda.

Enquanto tratado de descrição fenomenológica, como queremos classificar essa obra sartriana, inúmeros são os momentos em que Sartre desenha o confronto da consciência frente às coisas e a si mesma. Vejamos alguns desses momentos e tentemos elucidar como isso acontece.

Para responder à pergunta pela náusea Sartre elenca um conjunto enorme de situações. Um projeto de vida. Alguém em quem se realize e tome forma este projeto de vida. Uma liberdade. Neste projeto, que é o homem Roquentin, as coisas, de um modo geral, começam a perder o sentido, como que para recobrá-los depois, e fazer isto por uma consciência livre e responsável pela significação do mundo.

Ao enumerar um conjunto de acontecimentos simples e sem sentido algum, aparentemente, Sartre acaba adentrando o universo da significação subjetiva através do critério de vivência e narrabilidade. Isto é, quando narramos o que quer que narremos, qualquer fato da vida que seja narrado se torna grandioso devido à carga de significação que vamos lhe acrescentando. Quando vivemos, a vida nos escapa. Quando narramos somos confrontados com o sentido que a existência deva ter para nós e começamos a desenhar, a ilustrar as coisas do modo como as percebemos, do modo como elas manifestam-se a nós. Mais uma vez, a lição para a qual Sartre nos chama a atenção é: a vida tem a cor que nós queiramos dar para ela!

Ao colocar a náusea como subjetividade, Sartre está apenas ratificando o ponto de partida de sua filosofia, instaurando duas exigências fundamentais que são: primeiro, a verdade absoluta como primeiro princípio de todo filosofar autêntico e a dicotomia sujeito-objeto. Com relação à primeira exigência o ponto de partida do existencialismo é a subjetividade, porque todo provável só é definível por causa dessa verdade que é a subjetividade. Esta verdade se impõe para Sartre sem a necessidade de problematização. Quanto à segunda exigência ela prova apenas que o reino humano e o reino da matéria são irreduzíveis, absolutamente distintos.

Em vários momentos do romance supracitado fica evidente o papel da subjetividade como esse momento primordial da existência do indivíduo, que é não apenas ponto de partida de uma filosofia autêntica, mas ponto de partida da construção do indivíduo e da assunção dessa construção individual como compromisso ético. Por exemplo, cabe ao indivíduo a decifração da vida como aventura ou marasmo. Porém, ao relatar essa atividade da subjetividade Sartre utiliza-se de um recurso literário, a narrabilidade, como momento específico dessa atividade. É porque o indivíduo narra que a sua vida, a sua história e a sua existência adquirem um sentido e uma significação que apenas pela facticidade, e os fatos decorridos na própria vida não são capazes de sintetizar e demonstrar, tornando-se sem o influxo da subjetividade significativa, um monte de acontecimentos sem sentido algum para a existência. Esta questão da narrabilidade nos faz adentrar no campo da linguagem, mas, tal questão transborda o tema que tentamos desenvolver aqui, portanto, precisamos deixá-lo no prelo para ser discutido em outro momento.

### **3 De Kant e Husserl para Sartre: da teoria da presença formal do Eu para a Transcendência do Ego**

Se a teoria do conhecimento expressa-se do modo mais genuíno através da relação entre sujeito e objeto, encontramos uma teoria do conhecimento em Sartre, quando ele escancara a relação entre a consciência fenomenológica, que pertence a um sujeito particular e existencial, e os seres-em-si que são os objetos da realidade rumo aos quais a consciência do sujeito se dirige.

Pode-se dizer que o projeto que fundamenta a doutrina filosófica exposta em *O Ser e o Nada* é alicerçado – em certo sentido – sobre uma teoria do conhecimento que se encontra no seu primeiro ensaio de filosofia chamado *A transcendência do Ego*, todo baseado na fenomenologia de Husserl, que não deixa de ser uma teoria do conhecimento também, inclusive, similar, em alguns aspectos com a teoria do conhecimento de Kant.

Neste ensaio Sartre inicia com um parágrafo que indica, desde já, o projeto de sua filosofia, de acordo com o que queremos afirmar aqui, o projeto de sua teoria do conhecimento. Vejamos o que ele escreve:

Para a maioria dos filósofos o Ego é um “habitante” da consciência. Alguns afirmam sua presença formal no seio das “erlebnisse”, como um princípio vazio de unificação. Outros – na maioria psicólogos – pensam descobrir sua presença material, como centro dos desejos e dos atos, em cada momento de nossa vida psíquica. Nós gostaríamos de mostrar aqui que o Ego não está nem formalmente, nem materialmente na consciência: ele está fora, no mundo; é um ser do mundo, como o Ego do outro (SARTRE, 2014, p. 13) .

A afirmação de Sartre acima é surpreendente. Com um só golpe de escrita ele critica todas as teorias do conhecimento, idealistas, empiristas e transcendentais por não perceberem que o Ego, ou eu, é um existente, está no mundo e no mundo constrói sua experiência, quer seja na ordem do conhecimento, ou em outras instâncias, como a moral e a ética, por exemplo.

Sartre, dialogando com Kant e Husserl, pergunta-se pela presença formal do Eu e reconhece que a experiência do conhecimento de um sujeito não prescinde da experiência, pois, “trata-se com efeito, de determinar as condições de possibilidade da experiência” (idem, p. 16), mas reconhece também que, toda relação relativa ao conhecimento, ou a possibilidade mesma do conhecimento implica certas condições e uma delas é “que eu possa sempre considerar minha percepção ou meu pensamento como meu: eis aí tudo” (ibidem, p. 16).

A proposta da teoria da presença forma do eu na consciência, essa aporia deixada no caminho da filosofia por Kant, parecer ser facilmente resolvida quando encontramos Husserl. Sartre questiona o procedimento da crítica da razão pelo fato da análise da consciência na fenomenologia realizar-se cientificamente, ou através da intuição e não criticamente.

A teoria do conhecimento de Kant pareceendossar o pensamento envolvido numa espécie de “dupla personalidade”, sendo um o Eu do conhecimento e outro o Eu da existência. É como se a consciência operasse em separado de outra consciência, ou, como coloca Sartre como um inconsciente estranho, pois “somos obrigados naturalmente a conceber essa consciência – que constitui nossa consciência empírica – como um inconsciente” (ibidem. p. 16). Percebe-se, ao contrário, que a afirmação da consciência transcendental kantiana refere-se à possibilidade mesma do conhecimento humano; é como se a consciência transcendental fosse uma preparação para o estabelecimento de uma consciência empírica.

Se voltarmos nossa atenção para a revolução copernicana, enxergaremos uma realidade importante, que elucidará a cisão entre a experiência mesma e o fundo que institui a experiência. Isto posto, se esclarece porque a consciência é transcendental, ou seja, porque ela se dirige rumo àquilo que ela não é.

Figueiredo, comentador de Kant, explicita que, “tanto a experiência quanto a totalidade de fundo que a investe de finalidade são, por isso, resultados do processo por meio do qual a razão conhece a razão *o que ela não é*<sup>10</sup>, ou seja: a natureza” (FIGUEIREDO, 2010, p. 21).

Mesmo Kant continua enredado no problema clássico da teoria do conhecimento sem superá-lo, a saber: a relação sujeito-objeto. É fato que, antes de Kant o objeto ganhara um revestimento de importância que, apenas sua revolução copernicana conseguiu. Mas, até que ponto, a mudança de foco do objeto para o sujeito consegue resolver o problema do conhecimento? Aqui não nos deteremos mais, pois, deixaremos Sartre responder a esta questão.

É interessante notarmos que a consciência é uma das questões centrais do *corpus teórico* da filosofia de Sartre. Em primeiro lugar este filósofo assume a consciência como intencionalidade, para radicar em suas afirmações uma relação de transcendência entre ela e o mundo. A consciência, podendo distanciar-se daquilo que é, das coisas que são, assume em si o caráter nadificador de não ser o que é e ser o que não é, pois, “a negatividade está instalada no coração da consciência, constituindo o seu fundamento e o seu ser: é uma perpétua nadificação, uma dimensão de fuga” (LIMA, 2009, p. 17).

Como já afirmamos acima, no ensaio chamado *La Transcendence de l'ego: esquisse d'une description phénoménologique*, Sartre apresenta uma concepção diferenciada da compreensão clássica de consciência<sup>11</sup>. Esta não é mais constituída por uma dualidade, mas, por sua radical diferença dos entes, isto é, dos objetos que estão postos fora dela, e também por seu caráter nadificador, como bem coloca Lima<sup>12</sup>, ao escrever que:

A consciência por ser aquilo que é, tem necessariamente de ser outra coisa distinta dela; mas, não existe uma dualidade entre consciência e o objeto, no sentido de que a consciência seja uma entidade que se dirige para outra

---

<sup>10</sup> Grifo do autor

<sup>11</sup> Na concepção clássica a consciência era entendida como uma espécie de receptáculo, uma caixa, por exemplo, onde as imagens e as sensações se agrupavam.

<sup>12</sup> Lima é um dos grandes pesquisadores e debatedores acerca da filosofia sartriana no Brasil, com obras publicadas sobre o assunto. Atualmente é professor de filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

entidade; pelo contrário, a consciência não é e só é algo, na medida em que se torna objeto (LIMA, 2009, p. 19).

Pode-se resumir a questão do conhecimento de Sartre, para diferenciá-la, das teorias do conhecimento de Kant e Husserl, apontando que, para estes não há diferença entre conhecimento e consciência, que ambos fazem parte do mesmo processo. Porém, Sartre estabelece uma diferença crucial entre consciência e conhecimento. Como vimos ao apresentar a questão da náusea, o conhecimento se dá a partir da vivência e, como afirma Simeão Donizeti Sass, em Sartre “consciência e conhecimento são pensados a partir de uma origem comum: a vivência, noção forjada na tradição alemã que a pensa a partir do conceito de *Erlebniss*” (PINTO et. Al, 2009, p. 207).

### **Considerações Finais**

Ao discutirmos as questões referentes a uma teoria do conhecimento presente no pensamento de Sartre nos deparamos com a fenomenologia, método escolhido por este filósofo para elucidação dos problemas que desenvolveu. Nos defrontamos ainda, com uma teoria do conhecimento existencial que exige a participação consciente do indivíduo implicado numa relação sujeito-objeto.

Sendo o conhecimento uma forma existencial e de acesso ao ser das coisas e do próprio humano, não houve como distinguir entre conhecimento e as dimensões inerentes ao homem como sua liberdade, responsabilidade e o sentimento de angústia que advém de não nos dominarmos por completo, de não termos as rédeas nas mãos, ocasionando o tão falado sentimento de náusea.

Ao tentar estabelecer uma relação entre o conhecimento e a náusea, pudemos vislumbrar que, de fato, a náusea é o protótipo do que seria a possibilidade de conhecimento para o ser humano. Evidentemente, muitos cortes em questões tiveram que ser feitos, devido a falta de espaço, mas sobretudo porque, tais questões, puxariam um fio que nos conduziriam para o caminho do existencialismo fenomenológico e nos deixaria distantes da relação primordial da teoria do conhecimento, isto é, do sujeito com um objeto.



Portanto, finalizamos por ora esta pesquisa no ensejo de que ela fomente novas perspectivas e reflexões filosóficas e contribua para o desenvolvimento dos caminhos do pensamento.

### Referências bibliográficas

SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. *Diário de Uma Guerra Estranha: Setembro de 1939 – Março de 1940*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues e Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. *A transcendência do ego*. Trad. João Batista Kreusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um Humanismo*. Trad. de Rita Correia Guedes. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. de Paulo Perdigão. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BORNHEIM, Gerd. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DANTO, Arthur C. *As idéias de Sartre*. Trad. de James Amado. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

FIGUEIREDO, Vinícius. *Kant e a crítica da razão pura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

HESSER, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Trad. João Vergílio GalleraniCuter. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIMA, Walter Matias de. *Lições sobre Sartre*. Maceió: EDUFAL, 2009.

MOUNIER, Emmanuel. *Introdução aos existencialismos*. Trad. de João Bernard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

LUIJPEN, WilheumusAntonius Maria. *Introdução à fenomenologia existencial*. Trad. Carlos Lopes Mattos. São Paulo: EPU, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

PINTO, Débora Morato [et Al.]. *Ensaio sobre filosofia francesa contemporânea*. São Paulo: Alameda, 2009.